



ARTIGO ORIGINAL

A MÚSICA COMO AUXÍLIO TERAPÊUTICO DE CRIANÇAS HOSPITALIZADAS*

MUSIC AS THERAPEUTIC AID FOR HOSPITALIZED CHILDREN

LA MÚSICA COMO AYUDA TERAPÉUTICA PARA NIÑOS HOSPITALIZADOS

Eva Rodrigues de Carvalho Portugal Neta¹, Ricardo Saraiva Aguiar²

RESUMO

Objetivo: analisar as repercussões da utilização da música no processo de hospitalização de crianças em um hospital pediátrico de nível terciário. **Método:** trata-se de um estudo qualitativo, descritivo, exploratório, por meio de uma entrevista com um questionário semiestruturado a três crianças hospitalizadas, cinco pais e/ou responsáveis legais e seis profissionais da saúde, identificados de acordo com as notas musicais (DÓ, RÉ e MI). Realizou-se o processo de análise dos dados pela técnica de Análise de Conteúdo. **Resultados:** verificou-se a música como uma tecnologia leve capaz de desenvolver e atingir potenciais dos integrantes da vida diária do hospital pediátrico. Acaba-se a musicalidade também empoderando a equipe de saúde de modo a favorecer a consolidação das atividades e a ampliação do valor do cuidado. **Conclusão:** identificou-se que a música ameniza sofrimentos e integra as crianças e familiares a um lugar que, para elas, é inseguro e desconhecido, bem como cativa, envolve e emociona. Sugere-se, desse modo, que tal estratégia possa servir de modelo a outros hospitais pediátricos. **Descritores:** Música; Terapêutica; Musicoterapia; Hospitalização; Enfermagem; Hospitais Pediátricos.

ABSTRACT

Objective: to analyze the repercussions of the use of music in the hospitalization process of children in a tertiary pediatric hospital. **Method:** this is a qualitative, descriptive, exploratory study through an interview with a semi-structured questionnaire to three hospitalized children, five parents and/or legal guardians and six health professionals, identified according to musical notes (DO, RÉ and MI). The data analysis process was performed by the Content Analysis technique. **Results:** music was found to be a lightweight technology capable of developing and reaching potentials in the daily life of the pediatric hospital. The musicality ends also empowering the health team in order to favor the consolidation of activities and the expansion of the value of care. **Conclusion:** it was identified that music mitigates suffering and integrates children and family members in a place that, for them, is unsafe and unknown, as well as captivates, engages and thrills. It is therefore suggested that such a strategy could serve as a model for other pediatric hospitals. **Descriptors:** Music; Therapeutics; Music Therapy; Hospitalization; Nursing; Hospitals, Pediatric.

RESUMEN

Objetivo: analizar las repercusiones del uso de la música en el proceso de hospitalización de niños en un hospital pediátrico terciario. **Método:** este es un estudio cualitativo, descriptivo y exploratorio a través de una entrevista con un cuestionario semiestructurado a tres niños hospitalizados, cinco padres y/o tutores legales y seis profesionales de la salud, identificados de acuerdo con notas musicales (DO, RÉ y MI). El proceso de análisis de datos se realizó mediante la técnica de Análisis de Contenido. **Resultados:** se descubrió que la música es una tecnología liviana capaz de desarrollar y alcanzar potenciales en la vida diaria del hospital pediátrico. La musicalidad termina también empoderando al equipo de salud para favorecer la consolidación de actividades y la expansión del valor de la atención. **Conclusión:** se descubrió que la música disminuye el sufrimiento e integra a los niños y miembros de la familia en un lugar que, para ellos, es inseguro y desconocido, así como cautiva, involucra y emociona. Por lo tanto, se sugiere que dicha estrategia podría servir como modelo para otros hospitales pediátricos. **Descriptores:** Música; Terapéutica; Musicoterapia; Hospitalización; Enfermería; Hospitales Pesiátricos.

¹Universidade Paulista/UNIP. Brasília (DF), Brasil. ¹<https://orcid.org/0000-0002-2502-8048> ²Universidade Paulista/UNIP. Brasília (DF), Brasil. ²<https://orcid.org/0000-0003-0335-2194>

*Artigo extraído do Trabalho de Conclusão de Curso << A música como auxílio terapêutico no processo de hospitalização em pacientes de um hospital pediátrico do Distrito Federal >>. Universidade Paulista. 2018.

Como citar este artigo

Portugal Neta ERC, Aguiar RS. A música como auxílio terapêutico de crianças hospitalizadas. Rev enferm UFPE on line. 2019;13:e242812 DOI: <https://doi.org/10.5205/1981-8963.2019.242812>

INTRODUÇÃO

Entende-se a musicoterapia como um método de intervenção que ajuda na promoção da saúde mental por meio de experiências musicais. Considera-se como um dos caminhos mais rápidos e eficazes para se promover o equilíbrio entre o estado fisiológico e emocional do ser humano, trazendo um bem-estar físico e psíquico.¹

Sabe-se que os aspectos cognitivos, culturais, corporais e afetivos, criados musicalmente, se desdobram para o campo do cotidiano, auxiliando o sujeito na potencialização dos enfrentamentos das dificuldades presentes no dia a dia.² Pontua-se, que, nessa perspectiva, além da música ser uma forma de o paciente enfrentar as adversidades, eventos estressantes e traumáticos, também contribui no acolhimento e na comunicação com os profissionais de saúde, constituindo vínculos e compromissos que devem nortear os projetos de intervenção.³ Tem-se ela sido apontada também como recurso terapêutico complementar no manejo e no controle de sinais e sintomas, bem como no âmbito da comunicação, tornando o cuidado mais humanizado.⁴

Ressalta-se, nessa perspectiva, que a sensação musical começa na criança, como uma emoção de prazer puramente auditiva, evoluindo para as regiões integrativas do cérebro, como reflexos cerebrais, condicionamentos avaliativos, contágio emocional, imaginação visual, memória episódica e expectativa musical, compondo, assim, esquemas amplificadores que possibilitam que a criança verbalize seus estresses, ansiedades, medos e frustrações.⁵

Destaca-se, assim, que, dentre os resultados fisiológicos obtidos com a intervenção musical, há as mudanças no metabolismo, liberação de adrenalina, regulação da frequência respiratória, variações na pressão arterial, redução da fadiga, do tônus muscular e aumento do limiar dos estímulos sensoriais, além da redução da dor, do estresse e da ansiedade, da promoção de conforto, relaxamento muscular e dignidade às crianças hospitalizadas.⁴⁻⁵

Constata-se, diante disso, o surgimento do seguinte questionamento: “Qual a opinião das crianças, dos pais e/ou responsáveis e dos profissionais de saúde sobre a música no processo de hospitalização?”.

Salienta-se que estudos dessa natureza são considerados importantes, pois buscam compreender questões subjetivas nos processos de organização do trabalho que têm, como instrumento, a terapêutica musical. Torna-se a iniciativa de proporcionar ferramenta valiosa e diferenciada na busca de mais humanização e interdisciplinaridade do cuidado relevante para ampliar o escopo de ações na saúde da criança.

Espera-se, assim, que, com o auxílio da música, o espaço de internação e as intervenções passem a ser momentos que remetam somente à vivência, e não ao sofrimento.⁶ Faz-se, portanto, necessário o incentivo à realização de pesquisas que levantem sobre a importância da aplicabilidade da música no processo de hospitalização.

OBJETIVO

- Analisar as repercussões da utilização da música no processo de hospitalização de crianças em um hospital pediátrico de nível terciário.

MÉTODO

Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo, exploratório, com crianças hospitalizadas, pais e/ou responsáveis de crianças hospitalizadas e profissionais de saúde em um hospital pediátrico de nível terciário localizado em Brasília-DF, Brasil.

Adotaram-se como critérios de inclusão: crianças internadas no hospital pediátrico por mais de uma semana e na faixa de idade de sete a 18 anos incompletos; pais e/ou responsáveis legais de crianças internadas no hospital pediátrico e profissionais de saúde que atuam diretamente com as crianças internadas no hospital pediátrico. Excluíram-se todos aqueles que não concordaram em participar do estudo, além de pacientes com idade inferior a sete anos ou superior a 18 anos de idade.

Efetuaram-se a explicação e a leitura a todos os participantes, para posterior assinatura, do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e/ou do Termo de Assentimento, sendo que os participantes podiam desistir a qualquer momento da pesquisa.

Identificaram-se, posteriormente, os participantes do estudo de acordo com as notas musicais (DÓ, RÉ e MI), sendo o respectivo número atribuído à ordem de sua entrevista para preservar o sigilo e o anonimato das entrevistas: DÓ - crianças; RÉ - pais e/ou responsáveis legais e MI - profissionais de saúde. Revela-se, desse modo, que participaram do estudo três crianças hospitalizadas, cinco pais e/ou responsáveis legais de crianças internadas e seis profissionais de saúde.

Realizou-se a coleta de dados a partir de uma entrevista utilizando um questionário semiestruturado. Gravaram-se e transcreveram-se os conteúdos das entrevistas fidedignamente.

Utilizou-se o processo de explicitação, sistematização e expressão do conteúdo das mensagens por meio da proposta de Análise de Conteúdo, a saber: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

Submeteu-se o projeto de pesquisa no intuito do cumprimento das diretrizes da Resolução

466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, no que se refere à pesquisa com seres humanos, inicialmente, ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Paulista (UNIP), sendo o mesmo avaliado e aprovado por meio do parecer nº 2.966.104 CAAE 90411718.1.0000.5512. Analisou-se e aprovou-se o projeto posteriormente ainda pelo CEP da Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências da Saúde (FEPECS) por meio do parecer nº 3.124.610, CAAE 90411718.1.3001.5553.

RESULTADOS

Observou-se, a partir da análise dos depoimentos, que a utilização da música durante o processo de hospitalização das crianças traz consigo benefícios que vão desde o conforto até a repercussões fisiológicas, como se observa a seguir.

Uma das principais potências da musicoterapia é criar um mundo dentro das crianças. Então, quando ela tem no mundo exterior, uma demanda seja ela na área de saúde, seja ela emocional, seja ela relacional [...], a musicoterapia ajuda a criança a se fortificar no seu mundo interno para que ela possa ter soluções para as demandas do mundo externo. Então, eu digo assim: que o desenvolvimento da subjetividade empodera a pessoa para ela poder trabalhar com as demandas do mundo externo. (M16)

A música me ensina a se divertir, a se contrair (no caso quis dizer: descontração) com ela, me ajudar a cantar bem mais legal e me ajudar a cantar bem mais bonito e bem mais fofo e mais detalhado. (DÓ3)

Tratamento é? A música é? Ela ajuda. Ela é boa para mim. (DÓ1)

Feliz! (DÓ2)

Assim, a música altera muito o estado de espírito dos meninos. Então, por mais que eles estejam desanimados e 'tristinhos', quando chega alguém, cantando ou tocando, eles ficam mais alegres. E assim [...] o que eu observo, nesse tempo todo de tratamento e de trabalho com as crianças da Oncologia, é que o estado de espírito delas influencia diretamente no tratamento. Então, assim, as crianças que tão mais animadas, que tão mais alegres, elas se recuperam melhor e a música muda o humor delas. (...) eles sentem menos enjoo e queixam menos de dor. Então, isso é bem visível no dia a dia deles. Muda totalmente e as queixas diminui e eles respondem melhor ao tratamento [...]. É assim que a música ajuda no processo terapêutico delas. (M11)

Reconheceu-se que o alcance da música chegou também em nível familiar, de acordo com os depoimentos, e as pessoas que convivem diariamente com as crianças em processo de hospitalização percebem o desenvolvimento e uma

melhora gradativa, tanto física como psicológica, na resposta ao tratamento.

A parte da coordenação também, porque eles mexem com instrumentos, né? A parte da comunicação, que é o que eu te falei, que é uma das coisas que mais a gente viu em melhora foi a comunicação. Tentar se comunicar com as pessoas [...]. (RÉ1)

[...] tem crianças que não dá conta de escrever. No caso do meu filho, ele não dá conta de escrever. O problema dele mais é na coordenação motora, então, ele não dá conta de segurar assim direito e achou, na música, um desenvolvimento. No tocar, o telado encontrou um instrumento para desenvolver e ajudar, né? Graças a Deus, eu vi isso nele! (RÉ4)

Ah, eu acho que deixam eles mais relaxados porque, quando ele vem aqui, ele já vem tenso, né? Só fazem exames, consultas [...] aí já é alternativa para deixar as crianças mais interativas [...]. Ele fica mais calmo, vem com mais ânimo para o hospital. Antes disso, ele não gostava de vir, mas quando fala na musicoterapia [...]. (RÉ2)

[...] a música em si dá oportunidade das crianças que, de repente, "tão" passando pelo processo de câncer [...] possam ter uma forma de aliviar suas tensões. É uma forma deles liberarem essa tensão que eles têm, uma forma deles manifestarem o sentimento deles. (RÉ3)

Tem várias contribuições e uma delas eu falo pelo meu filho, que é a forma dele se socializar. Ele, quando começou, nem balbuciar ele balbuciava. Depois que ele começou na musicoterapia, ele começou a tentar falar mais e ele já consegue falar algumas palavrinhas. Sem falar ainda na socialização com as pessoas, pois ele tá bem mais tranquilo e não tem medo de ficar perto das pessoas. Até mesmo de ficar sozinho. Quando ele faz a musicoterapia, ele fica sozinho com o musicoterapeuta. E hoje em dia ele não tem esse medo e antigamente tinha. (RÉ5)

Verificou-se, ainda, que a adaptação ao ambiente hospitalar é imprescindível para a adesão à terapêutica por parte do paciente, mas um ambiente propício a isso é essencial para que seja criado um vínculo entre os integrantes desse processo de hospitalização (paciente, família e profissionais de saúde), conforme se observa nos depoimentos a seguir.

O ambiente hospitalar em si já não é um ambiente tão hostil, mas a gente tenta trazer uma hospitalidade melhor para esse paciente e a gente tenta trazer também um ambiente mais lúdico para a criança porque o desejo dela era de estar em casa. Como ela não consegue, devido ao tratamento, ela precisa de algo para interagir. (M14)

Esse é um dos hospitais que ele não tem medo nenhum e ele até gosta de vir para cá. Então, a interação com as pessoas, em geral, do hospital é muito boa e acaba que com a gente também. A gente consegue compreender mais ele. Ele foi

uma criança muito traumatizada porque ele ficou praticamente morando na UTI. Então, a gente teve um processo bem longo para conseguir fazer ele se adaptar a ir para um hospital e para vir para cá também. (RÉ1)

É bom porque a gente sente um apoio. As pessoas são bem claras e explicam. Tentam ajudar da melhor maneira. (RÉ2)

A música é um elo de ligação e acaba sendo um elo de ligação porque nós, da Enfermagem, também participamos. Quando é uma música que a gente conhece, nós ajudamos a cantar também e a gente também participa de todo o processo, né? Então, nos une! (MI3)

Quando o profissional gosta, aí ele vai e entra na dança. Aí, os pacientes parecem que, naquele momento, vê você não como uma enfermeira, mas como uma pessoa normal que está ali se divertindo. Então, muda um pouco a visão assim. (MI5)

Aponta-se que os profissionais de saúde relataram que a música, durante a realização de procedimentos, contribui para a melhoria da assistência prestada às crianças durante o processo de hospitalização, conforme se observa a seguir.

Eles ficam mais calmos e se distraem. Eles confiam mais no profissional que está fazendo. Quando você começa a cantar, quando você liga o celular e coloca uma musiquinha para eles ouvirem, eles ficam mais relaxados e eles acabam confiando mais e se sentem mais seguros. (MI1)

A gente tinha até um tabletzinho que usávamos para justamente ficar passando musiquinha para eles na hora de puncionar, pois isso distrai a criança e ameniza a dor. Então, enquanto a mãe estava lá segurando o tabletzinho com a musiquinha ou videozinho, nós estávamos preparando a criança para puncionar. A experiência que eu tenho com a música na hora de procedimento é essa e ajudou e amenizou muito. (MI2)

Interfere muito na questão da calma do paciente. Ela traz uma calma, principalmente durante o procedimento. Os pacientes conseguem interagir com o pessoal da musicoterapia e é como se a atenção deles ficasse voltada para a música e não para o procedimento em si, né? [...]. Distrair, tirar mais a atenção dessa criança do sofrimento ou do trauma que o procedimento pode trazer, voltando a atenção dela e a interação toda para a música. (MI4)

Às vezes, na Pediatria, nós fazemos quando a criança é bem pequena. Nós utilizamos algumas músicas para poder meio que distrair a criança enquanto fazemos os procedimentos. Ela reclama, mas a música temporariamente distrai a criança. Ela vai sentir a dor da agulhada? Vai, mas ela é menos traumática com a música e utilizamos muito. (MI5)

DISCUSSÃO

Sabe-se que o ser humano, ao vivenciar um processo de adoecimento, poderá perceber a realidade de forma diferente e singular. Passam-se diversas mudanças estruturais e emocionais importantes envolvendo sensações, sentimentos, dores e incertezas a integrar a sua existência, bem como novas relações e inter-relações, impactando, direta ou indiretamente, sua qualidade de vida. Poder-se-á, assim, todo processo de doença vivido na infância que dispense longos períodos de tratamento, retornos médicos frequentes ou mesmo hospitalizações recorrentes gerar sérias complicações no desenvolvimento infantil.⁷⁸

Pontua-se, assim, que, ao apreender o impacto da hospitalização para a criança, são imprescindíveis medidas potencializadoras para a melhoria na saúde infantil. Vem-se, desse modo, nos últimos anos, a música nos hospitais consolidando sua presença, que pode ser compreendida como mais uma das estratégias terapêuticas integrativas e complementares direcionadas ao cuidado por meio da personificação dos espaços hospitalares.⁹

Ressalta-se que a utilização dessa estratégia em hospitais retrata a adição de agentes não farmacológicos como desbravadores de cuidado, bem como retoma o termo musicoterapia, cuja intenção é a elaboração de plano de cuidados baseados na música, visando a atender às necessidades físicas, sociais e psicológicas dos pacientes.¹⁰

Constata-se, cientificamente, que a música influencia e afeta os nervos cranianos, além dos níveis de hormônios, como o cortisol,⁷ pois ela é um elemento que estimula a capacidade de retenção e memorização, melhorando a atenção e a concentração. Ativam-se, fisicamente, o tato, a audição, a respiração, a circulação e os reflexos.³⁻⁷

Afirma-se, assim, que algumas pesquisas identificaram que os efeitos fisiológicos da música envolvem reações sensoriais, hormonais e fisiomotoras, como mudanças no metabolismo, liberação de adrenalina, regulação de frequência respiratória, variações na pressão arterial, redução da fadiga, do tônus muscular e aumento do limiar dos estímulos sensoriais, melhorando a atenção e a concentração. Sabe-se, além disso, que é uma excelente ferramenta terapêutica, de fácil uso, acessível, sem efeitos colaterais e que pode ser utilizada em vários contextos e para diversas doenças.¹¹⁻⁷

Registra-se que, em estudo brasileiro, foi demonstrada a eficácia da intervenção musical na redução dos escores médios de ansiedade e na redução estatística e clínica da pressão arterial sistólica e diastólica, além da pulsação e frequência respiratória. Aponta-se, por esses

resultados, para a possibilidade de se contar com uma intervenção coadjuvante de baixo custo que possibilite maior bem-estar e qualidade de vida aos pacientes.⁴

Apresenta-se, nesse sentido, a música como possibilidade terapêutica que pode ser concebida como uma tecnologia leve, uma vez que influencia implicações à equipe de saúde e estimula a expressão da subjetividade, reinserindo o cuidado amplo como núcleo de atuação profissional.⁶

Confirma-se, desse modo, a música como uma forma de arte universal, revalidando seu papel fundamental de colocar o paciente em contato direto com suas emoções, as sensações que ele traz e situações que surgem. Assim, a expressão não verbal via música pode permitir, junto à equipe de saúde, um esvaziar de angústias, dores e sentimentos, exaurindo suas apreensões em relação à doença, vida e morte, fomentando perspectivas de uma atuação transformadora.⁶

Verificou-se, a partir dos depoimentos, a música como uma intervenção terapêutica capaz de desenvolver cada vez mais e atingir potenciais dos integrantes da vida diária de um hospital. Evidencia-se, portanto, como limitações deste estudo, a abordagem qualitativa não ser capaz de determinar a eficácia estatística das repercussões clínicas nas crianças hospitalizadas a partir das intervenções musicais. Necessita-se, desse modo, realizar ensaios clínicos e revisões sistemáticas acerca da temática de modo a ampliar o conhecimento atual sobre o tema, visto que grande parte das publicações é inferior ao ano de 2015.

CONCLUSÃO

Conclui-se que a ludicidade tem papel importante no processo de hospitalização e remete à saúde mental e emocional como parte integrante de uma saúde geral. Trouxe-se, diante disso, por esta pesquisa, embasamento para exaltar a importância da música no tratamento de pacientes pediátricos, pois se trata de um recurso que financeiramente não revela ser um impedimento, muito menos na situação administrativa, visto que os próprios profissionais utilizam constantemente e apoiam tal prática, além de políticas que preconizam a humanização.

Identificou-se, pelos depoimentos, que a música ameniza sofrimentos e integra as crianças e familiares a um lugar que, para elas, é inseguro e desconhecido, bem como cativa, envolve e emociona. Acaba-se, nesse sentido, a musicalidade também empoderando a equipe da saúde de modo que favorece a consolidação das atividades e a ampliação do valor do cuidado capaz de contribuir com a qualidade de vida no trabalho.

Ressalta-se que este estudo possibilita novos espaços para a aplicabilidade da música no ambiente hospitalar pediátrico, além de conhecer a opinião do paciente, dos responsáveis e de profissionais sobre o assunto. Sugere-se, desse modo, que possa servir de modelo a outros hospitais pediátricos.

REFERÊNCIAS

1. Mendes MVS, Cavalcante SA, Oliveira EF, Pinto DMR, Barbosa TSM, Camargo CL. Children with neuropsychomotor development delay: music therapy promoting quality of life. *Rev Bras Enferm.* 2015 Sept/Oct; 68(5):797-802. DOI: [10.1590/0034-7167.20156805051](https://doi.org/10.1590/0034-7167.20156805051)
2. Arndt AD, Cunha R, Volpi S. Aspects of the music therapy practice: social and community context in perspective. *Psicol Soc.* 2016 May/Aug; 28(2):387-95. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-03102016v28n2p387>
3. Silva VA, Silva RCF, Cabau NCF, Leão ER, Silva MJP. Effects of sacred music on the spiritual well-being of bereaved relatives: a randomized clinical trial. *Rev Esc Enferm USP.* 2017;51:e03259. DOI: [10.1590/S1980-220X2016009903259](https://doi.org/10.1590/S1980-220X2016009903259)
4. Melo GAA, Rodrigues AB, Firmeza MA, Grangeiro ASM, Oliveira PP, Caetano JA. Musical intervention on anxiety and vital parameters of chronic renal patients: a randomized clinical trial. *Rev Latino-Am Enferm.* 2018 Mar;26:e2978. DOI: [10.1590/1518-8345.2123.2978](https://doi.org/10.1590/1518-8345.2123.2978)
5. Silva VA, Leão ER, Silva MJP. Assessment of quality of scientific evidence on musical interventions in caring for cancer patients. *Interface comum saúde educ.* 2014 July/Sept;18(50):479-92. DOI: [10.1590/1807-57622013.0875](https://doi.org/10.1590/1807-57622013.0875)
6. Cardoso Júnior OP, Campos MMMS, Oliveira MCX, Morano MTAP, Araújo MVUM, Chaves Kys. With words I cannot say: giving new meaning to care through music in cardio pediatric postoperative. *Rev RENE.* 2017 Sept/Oct; 18(5):655-62. DOI: [10.15253/2175-6783.2017000500013](https://doi.org/10.15253/2175-6783.2017000500013)
7. Taets GGC, Jomar RT, Abreu AMM, Capella MAM. Effect of music therapy on stress in chemically dependent people: a quasi-experimental study. *Rev Latino-Am Enferm.* 2019 Jan;27:e3115. DOI: [10.1590/1518-8345.2456.3115](https://doi.org/10.1590/1518-8345.2456.3115)
8. Wottrich SH, Quintana AM, Camargo VP, Beck CLC. "Manifestations of the heart": meanings attributed to the disease by pre-surgical cardiac patients. *Psicol Teor Pesqui.* 2015 Apr/June;31(2):213-19. DOI: [10.1590/0102-37722015021127213219](https://doi.org/10.1590/0102-37722015021127213219)
9. Araújo TC, Alvaro P, Araújo MSS, Araujo MSS. Use of music in various scenarios of health care: integrative review. *Rev baiana enferm.* 2014

Jan/Apr; 28(1):96-106. DOI:
[10.18471/rbe.v28i1.6967](https://doi.org/10.18471/rbe.v28i1.6967)

10. Gattino GS, Silva LCD, Barbosa Filho AM. Musicoterapia e educação musical no contexto hospitalar: aproximações e distanciamentos. Rev InCantare [Internet]. 2016 Jan/June [cited 2019 May 19];7(1):75-85. Available from: http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/incantare/article/view/822/pdf_66

11. Loosman WL, Rottier MA, Honig A, Siegert CEH. Association of depressive and anxiety symptoms with adverse events in Dutch chronic kidney disease patients: a prospective cohort study. BMC Nephrol. 2015 Sept;16(155). DOI: [10.1186/s12882-015-0149-7](https://doi.org/10.1186/s12882-015-0149-7)

12. Yingel OS, Gooding LF. A systematic review of music based interventions for procedural support. J Music Ther. 2015 ;52(1):1-77. DOI: [10.1093/jmt/thv004](https://doi.org/10.1093/jmt/thv004)

13. Daneil E. Music used as anti-anxiety intervention for patients during outpatient procedures: a review of the literature. Complement Ther Clin Pract. 2016 Feb; 22:21-3. DOI: [10.1016/j.ctcp.2015.11.007](https://doi.org/10.1016/j.ctcp.2015.11.007)

14. Kunikullaya KU, Goturu J, Muradi V, Hukkeri PA, Kunnavil R, Doreswamy V, et al. Combination of music with lifestyle modification versus lifestyle modification alone on blood pressure reduction: a randomized controlled trial. Complement Ther Clin Pract. 2016 May;23:102-9. DOI: [10.1016/j.ctcp.2015.05.004](https://doi.org/10.1016/j.ctcp.2015.05.004)

15. Anjos AG, Montanhaur CD, Campos EBV, Piovezana ALRPD, Montalvão JS, Neme CMB. Music therapy as a psychological intervention strategy with children: a literature review. Gerais, Rev Interinst Psicol [Internet]. 2017 July/Dec [cited 2019 Sept 02];10(2):228-38. Available from: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202017000200008

16. Palazzi A, Meschini R, Piccinini CA. Music therapy intervention for the mother preterm infant dyada: proposal of intervention in the neonatal intensive care unit. Psicol Estud. 2019 June;24:e41123. DOI: [10.4025/psicolestud.v24i0.41123](https://doi.org/10.4025/psicolestud.v24i0.41123)

17. Silva JP, Zanini CRO, Daher RP. Efeitos da musicoterapia no cuidado de paciebtes vítimas de queimaduras. Revista Música Hodie. 2019 Mar/Sept;19:e51942. DOI: [10.4025/psicolestud.v24i0.41123](https://doi.org/10.4025/psicolestud.v24i0.41123)

Correspondência

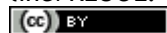
Ricardo Saraiva Aguiar

E-mail: ricardo.aguiar@docente.unip.br

Submissão: 04/09/2019

Aceito: 28/10/2019

Copyright© 2019 Revista de Enfermagem UFPE on line/REUOL.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a Atribuição CC BY 4.0 [Creative Commons Attribution-ShareAlike 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), a qual permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. É recomendada para maximizar a disseminação e uso dos materiais licenciados.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/index>